

ESTRANGEIRISMOS E PALAVRAS ESTRANGEIRAS

José Pereira da Silva (UERJ)

CUNHA, Antônio Geraldo da. *Os estrangeirismos da língua portuguesa: Vocabulário histórico-etimológico*. São Paulo: Humanitas; USP, 2003, 198 p.

O interessante livro do nosso grande e saudoso lexicógrafo e etimologista A. G. Cunha não tenciona trazer à baila todo o *corpus* de nosso vocabulário de origem estrangeira, mas demonstrar com a maestria que detém e com o prestígio que conquistou, uma metodologia segura para as novas gerações de lexicógrafos tão necessários para manter atualizado o registro do vocabulário de nosso idioma e de nossa pátria.

Como bem explicitou na descrição dos **objetivos** dessa publicação, que não teve a sorte de ver impressa por ter sido surpreendido pela inimiga dos viventes:

Nesta série de verbetes expusemos as características básicas que deverão ser obedecidas na elaboração do *Dicionário histórico-etimológico dos estrangeirismos da língua portuguesa*, que pretendemos publicar nos próximos anos. Esse dicionário, que será daqui por diante também referido pela sigla DHEEP – visa a contribuir para o progresso da nossa lexicografia. Nosso intuito aqui foi o de antecipar a sua publicação definitiva, e apresentar aos estudiosos algumas centenas de verbetes, ordenados de A a Z, a fim de que fique desde já estabelecida a metodologia adotada. Naturalmente, no caso de este estudo merecer a aceitação do público em geral, será preparada uma nova edição, onde se incluirão mais algumas centenas de verbetes (p. 5).

Nesta resenha, o que nos interessa prioritariamente é o que diz o próprio autor sobre a sua obra, visto que não teria sentido resgatar verbetes de um dicionário para tratar de seu valor e de sua contribuição para o uso da língua, visto que o espaço que se concebe para esse tipo de comentários não deve passar de três páginas sob pena de não mais poder ser bem caracterizado como resenha.

Registra-se, aqui o sumário do livro [que não foi preparado pela editora], para que os interessados possam saber o que contém essa pequena jóia da lexicografia brasileira:

À GUIA DE INTRODUÇÃO.....	5
1. Considerações preliminares.....	5
1.1 Objetivos.....	5
1.2 Amplitude do registro.....	5
2. Constituição dos verbetes.....	6
2.1 Estrutura dos verbetes.....	6
2.2 Título do verbete.....	6
2.3 Categoria gramatical.....	7
2.4 Critérios de registro das variantes.....	7
2.5 Línguas-fontes dos estrangeirismos.....	8
2.6 Definições.....	9
2.7 Etimologia.....	10
Letras especiais com diacríticos (tabela).....	11
3. Documentação histórica.....	11
3.1 Amplitude.....	11
3.2 Textos consultados.....	12
3.3 Edições utilizadas.....	13
3.4 Critérios de transcrição.....	13
4. Abreviaturas e sinais convencionais.....	14
4.1 Abreviaturas.....	14
4.2 Sinais convencionais.....	14
5. Conclusão.....	15
BIBLIOGRAFIA.....	17
DICIONÁRIO.....	47

Na verdade, o conceito de estrangeirismo registrado neste trabalho é bem interessante, pelo menos do ponto de vista da discussão que se travou de uns dois ou três anos para cá, a partir do projeto do Deputado Aldo Rabelo com a intenção de fazer decrescer a entrada de palavras estrangeiras aparentemente desnecessárias no uso corrente da língua portuguesa.

Conforme o conceito de estrangeirismo aqui registrado, pois as palavras que já se tiverem acomodado à grafia e gramática de uma língua é considerada estrangeirismo, mesmo que nela esteja há séculos, enquanto que as palavras que não conseguiram tal adaptação, são consideradas palavras estrangeiras, mesmo se forem provenientes do latim, como *curriculum vitae*, *campus* (da universidade), *pizza* etc.

No segundo tópico de suas considerações preliminares, diz A. G. Cunha:

Cumpre, de início, estabelecer a distinção que fazemos entre *estran-geirismo* e *palavra estrangeira*. Assim, com efeito, consideramos *es-trangeirismo* aquela palavra que proveio de uma língua estrangeira (pa-lavra esta que não pertence, portanto, ao nosso patrimônio latino) e que foi introduzida em português e nele perfeitamente adaptada. (p. 5).

Por outro lado, consideramos *palavra estrangeira* aquela palavra que, embora usada por alguns dos nossos escritores e, mais freqüente-mente, na linguagem da imprensa, ainda não foi completamente adaptada ao nosso idioma. [...] Modernamente, com o desenvolvimento da infor-mática, e a grande influência que os Estados Unidos da América do Nor-te vem exercendo em todo o mundo, muitas dezenas de anglo-norte-americanismos estão sendo freqüentemente usados, tanto na linguagem oral, como na escrita, os quais também não serão incluídos no nosso di-cionário [...] (p. 6)

No tópico 2.5, dividido em sete subtópicos, fez-se uma bela síntese histórica da formação de nosso vocabulário de empréstimo, ressaltando-se o idioma principal em cada uma de suas fases: os galicismos e os provençalismos dos séculos XIII e XIV, os africanis-mos, asiaticismos e americanismos indígenas dos séculos XV e XVII, os italianismos do século XVI, os castelhanismos dos séculos XVI e XVII, novamente os galicismos dos séculos XVII a XIX e os anglicismos dos séculos XIX até agora, primeiramente provenientes da Inglaterra e, agora, dos Estados Unidos.

Outra marca importante desse trabalho é a seriedade com que se tratou a etimologia das palavras estudadas.

O objetivo do trabalho de Antônio Geraldo da Cunha foi ple-namente atingido, visto que ele pretendeu dar uma orientação segura, através de uma amostra significativa, do que viria a ser o seu não concluído *Dicionário de Estrangeirismos*, que deve estar sendo pre-parado pela equipe montada pelo grande lexicógrafo às expensas da Editora Nova Fronteira, onde trabalhou intensamente até os últimos dias de sua vida.